

NÓS DA ESCOLA

RIO

PREFEITURA

EDUCAÇÃO MULTIRIO

A literatura na escola

Entrevista:
Nilma Lacerda
e os escritos da cidade

ISSN 1676-5141



9 771676 514269 00026



Jogos
Pan-americanos
Uma conquista
da **PREFEITURA**.
Uma vitória
do **RIO**.



NÓS DA ESCOLA

ano 3 nº 26 2005

editorial

Leitura e escola 4

cartas

Giramundo, lançamento e calendário 5

ponto e contraponto

Escritos da cidade 6

atualidade

Formação continuada na Bienal do Rio 12

pé na estrada

Projeto investe em alunos autores 14

zoom

A física do dia-a-dia 16

capa

Literatura na escola 18

artigo

Por que crianças e adolescentes devem ler literatura? 24

carioca

Arte cidadã 25

professor on-line

Prefeitura investe em qualidade de vida 27

caleidoscópio

Abrindo o Verbo 28

olho mágico

MULTIRIO inova na programação 30

rede fala

Estratégias de leitura e sua contribuição para aprendizagem 31

agenda

Congresso, concerto, exposições 33

tudoteca

Livros e vídeos 34

cartaz

Física

giramundo

Trabalho diversificado



Empresa Municipal de Multimeios Ltda.

Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ
CEP 22260-210 - www.multirio.rj.gov.br - ouvidoriamultirio@pcrj.rj.gov.br
Central de atendimento: (21) 2528-8282 - Fax: (21) 2537-1212

Maria Inês Delorme Diretora de publicações e jornalista responsável (MTb. 22.628)
• **Élida Vaz** Assessora de comunicação e ouvidora • **Antonio Castro** Assessor artístico
• **Guaira Miranda** Gerente de multimídia

Equipe de produção: **Cristina Campos** e **Joanna Miranda** Conteúdo • **Hugo R. C. Souza** e **Leonardo Simmer Amorim** Reportagem • **Priscila Fagundes** Estagiária • **Martha Neiva Moreira** Edição • **Alberto Jacob Filho** Fotografia • **Guaira Miranda** e **Luciana Gobbo** Projeto gráfico e diagramação • **Nancy A. Soares** Revisão • **Elias Moraes** Produção gráfica • Arte da capa **Antonio Castro**

Esdeva Indústria Gráfica S/A Impressão CTP • Tiragem 36.500 exemplares

Leitura e escola

Recentemente, participei de uma conversa com professores sobre o declínio no hábito de leitura em geral. Preocupava a todos o papel da escola neste processo.

A escola pública, por suas responsabilidades como espaço de formação de cidadãos críticos e pela ampla circulação da palavra escrita que caracteriza seu trabalho, deve ser um local privilegiado para o incentivo às práticas leitoras onde o contato com a literatura desempenha um papel primordial. Por meio dela podemos compartilhar os dramas, paixões, perplexidades e segredos que caracterizam a trajetória humana. O livro e a leitura, portanto, são territórios do conhecimento e de liberdade.

E foi, justamente, a liberdade um dos valores colocados em destaque nesta conversa entre professores: a liberdade da escolha do gênero e do livro, a liberdade de ler sem estar atrelada, obrigatoriamente, a uma avaliação, a liberdade de ler além do “politicamente correto”.

Vem sendo afirmado que, no caso da sociedade brasileira, a escolarização não tem levado à formação de leitores e produtores de textos, chegando mesmo a dificultá-la. A partir do conhecimento desta realidade, é preciso que professores reflitam sobre o seu trabalho, ouvindo os alunos e buscando um caminho para uma prática significativa e que leve à formação de leitores.



Sonia Mograbi
Secretária Municipal de Educação



Giramundo I

Sou professor da 8ª CRE, da E.M. Moacyr Padilha, Padre Miguel, e gostaria de saber se é possível conseguir os números antigos da Coleção Giramundo que vem com a revista Nós da Escola?

Oswaldo David, E.M. Moacyr Padilha

N. da R. Você pode acessar todos os Giramundos no site da revista Nós da Escola, no Portal da MULTIRIO: www.multirio.rj.gov.br/nosdaescola

Giramundo II

O encarte Giramundo da revista 25 publicou que neste ano comemora-se o centenário de nascimento de Carmem Miranda. O ano correto é 2009.

Calendário

No calendário da revista nº 24, o Dia das Mães está marcado no dia 8. A data certa é dia 11. O que significa o feriado de Shavuot, em 6 de junho?

Neide Mello da Silva, E.M. Maria das Dores Negrão

N. da R. A data comemorativa do Dia das Mães é o segundo domingo de maio, que este ano cai no dia 8. Aproveitamos para informar que Shavuot é uma festividade judaica na qual se celebra a outorga da Torá.

Lançamento

Gostaria de compartilhar com vocês da Multirio - a alegria de ter publicado meu primeiro livro: "Metodologia de Educação Ambiental Não Formal para Jovens" (em co-autoria com outros dois educadores ambientais). O livro foi editado pela GTZ - Agência de Cooperação Técnica Brasil-Alemanha e pelo Instituto Terrazul.

Jacqueline Guerreiro, E.M. Mal. Canrobert P. da Costa

Centenário

A Escola Municipal Prudente de Moares, na Tijuca, completará no dia 12 de junho o seu centenário. A Prudente de Moraes é uma das 40 unidades da rede municipal de ensino do Rio tombada pelo patrimônio histórico. De estilo arquitetônico eclético, foi a primeira escola inaugurada pelo prefeito Pereira Passos.



■ Escreva para o Núcleo de Publicações da MULTIRIO:
 ■ Largo dos Leões, 15 - 9º andar, sala 908 - Humaitá - CEP 22260-210 -
 ■ Rio de Janeiro ou mande um e-mail para multirio_dpub@rio.rj.gov.br
 ■ Visite nosso site www.multirio.rj.gov.br

Escritos da cidade

“O que você faria se não tivesse medo?”. Esta instigante pergunta se encontra estrategicamente localizada no quarto andar de um edifício às margens do elevador Paulo de Frontin, à vista dos motoristas mais atentos. Pichação, grafite, expressão de “filósofos da cidade”? Seja qual for o nome atribuído ou distinções feitas, manifestações como esta são objetos da pesquisa “Diários de Navegação da Palavra Escrita no Rio de Janeiro”, que vem sendo desenvolvida pela escritora, professora e pesquisadora Nilma Lacerda, com o apoio da RioArte. Por meio de observação e trabalho conceitual, ela vem descobrindo o **quanto essas escritas em muros e locais públicos em geral podem revelar da alma do Rio de Janeiro**, o quanto podem dizer sobre o que a cidade está pensando. Indo além, Nilma ressalta: “Escrita é poder. É riqueza. É moeda com que dignidade e autonomia são compradas. Ou tem alguém que duvida?”, e lembra seu interlocutor Eduardo Galeano para propor aos professores: “Naveguem por esse mar da palavra escrita”.

Como surgiu a idéia de fazer essa pesquisa? Qual foi a motivação? Aonde pretende chegar?

Em 1999, fui convidada para participar do Caminho das Águas com profissionais de diversas áreas que navegaram pelo rio São Francisco, para colaborar com as populações ribeirinhas na consciência de que o rio pertence a elas, e de que cabe a essas pessoas, portanto, a luta mais direta pela saúde do rio, e de que têm poder para fazê-lo. Experiência forte e inesquecível. Segui para Campinas, onde tinha uma palestra no 12º COLE – Congresso de Leitura do Brasil – sobre Ética nos Livros para Crianças e Jovens. Queria fazer uma paródia de Rilke, nas célebres “Cartas a um jovem poeta”, e escrevi então “Cartas do São Francisco – Conversas com Rilke à beira do Rio”. Minha companheira de mesa, Emilia Gallego, poeta e pensadora cubana, ficou impressionada com texto e viagem e me deu a tarefa de escrever um Diário de Navegação da Palavra Escrita na América Latina, que deveria apresentar como conferência no Congresso Lectura’ 99

– para Ler o Século XXI – em Havana, em novembro daquele ano. Aceitei a tarefa, não como uma conferência, mas como pesquisa de larga duração. Fiz várias viagens entre 1999 e 2001 e neste período o *Diário* foi crescendo. Em 2001, a bolsa Virtuouse, do MinC, me permitiu ir a Paris, cursar durante um ano um pós-doutorado, na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, tendo o historiador do livro e da leitura, Roger Chartier, como orientador do projeto. Nesse período, o *Diário* cresce bastante, com páginas que iluminam, da Europa, o trajeto da palavra escrita na América Latina. Deste Diário nasce o Diário pelo Rio de Janeiro, bem menor, com objetivos semelhantes e voltado ao público infantil e juvenil, igualmente empenhado em registrar a viagem da palavra que nos chega no violento processo de colonização a que fomos submetidos – toda esta América Latina – e, tornada posse da população em lutas contínuas – que ainda não se extinguiram –, está hoje ao alcance de muitas pessoas para escrever histórias, muitas histórias.

As formas de expressões culturais estão centradas cada vez mais na imagem, em detrimento da palavra escrita? É possível estabelecer esta dualidade?

A segunda metade do século XX já nos traz essa marca de uma cultura marcadamente visual, e este início do século XXI corrobora a evidência. No entanto, a palavra escrita acompanha com frequência as imagens, mesmo num anúncio publicitário em que uma foto diga quase tudo, o nome da marca em questão vai necessitar da escrita para anunciar-se junto ao consumidor. Se cantores e cantoras têm público avassalador, esse público busca as letras das canções para acompanhá-las, se o público prefere o cinema ao livro, ele precisa ler legendas, no caso de filmes estrangeiros, e assiste a uma obra que precisou de um roteiro escrito para se construir. O mesmo se passa com as telenovelas. Nossa cultura aponta não para a dualidade, mas para a complementaridade entre imagem e palavra escrita, e tal situação requer um processo educativo para seu pleno usufruto. Constituídos de texto verbal e imagem, jornais e revistas vendem como em nenhum outro período da história da humanidade. No entanto, toda essa produção não é em si garantia de nada. Se muitas pessoas estão lendo hoje – tanto linguagem verbal, quanto visual – é preciso que tal leitura seja crítica, capaz de compreender o que lê, escrever sentidos a partir desse material. Quero lembrar, ainda, que a palavra que se escreve é também uma imagem, em sentido lato, pois ocupa o lugar do objeto, que dessa forma é evocado. Se não temos uma escrita ideogramática, como as orientais, não deixemos de desenhar palavras.

Eduardo Galeano, em um de seus livros, lembra que em guarani o termo usado para “palavra” é o mesmo para “alma”. Até que ponto toda esta polifonia de palavras e frases escritas e colhidas nas ruas podem revelar algo sobre a alma de uma cidade?

Em fevereiro de 2004, entrevistei Galeano, em Montevidéu, para encerrar o primeiro volume do *Diário*. Dentre nossos assuntos, falamos dessa

alma da cidade através das escritas anônimas. Transcrevo a expressão de Galeano: *“Eu tenho um imenso respeito pelas mensagens anônimas que as pessoas escrevem nas paredes, que horrorizam os ideólogos da repressão, como Giuliani com sua tolerância zero em Nova York, que castiga o grafite como se fosse um crime, perigosíssimo, porque revela uma conduta protocriminal, ou seja, a teoria é: aquele que escreve na parede esconde um criminoso possível. Imagina: fui ao banheiro agora, e o banheiro desse café tem um aviso na parede que é igualzinho aos avisos de outros banheiros em Montevidéu: Si el baño está limpio, no lo escriba, no lo arruíne. Quer dizer, se o banheiro está limpo, não escreva nas paredes, não*



o estrague. A idéia é que, se você escreve num banheiro, está estragando o banheiro. A minha certeza é que se você escreve num banheiro está humanizando o banheiro, está ajudando a que o banheiro fale. Fale com a voz das pessoas que passaram por ele, o que faz do banheiro um lugar que não é só um banheiro, que é também a memória da gente que passou por ali". Uma perspectiva fascinante – e terrível – se insinua entre essas linhas: a escrita higiênica. A não-escrita, a que Galeano alude, ao mencionar seu repúdio pelas cidades dos amigos suíços – impolutas, frígidas, condenadas à limpeza. Muros limpos – a higiene da expressão. Galeano continua: *"Lendo aquilo que está nas paredes, tem-se uma certa idéia do que a cidade pensa, sente, porque é a imprensa dos pobres, é o lugar que o cidadão anônimo encontra para confessar algo, para insultar, para elogiar, para se dizer. Aquele espaço que normalmente está reservado ao dia do Carnaval, espaço da liberdade e dos oprimidos, espaço da expressão dos mudos – em uma parede você encontra isso com uma facilidade impressionante e às vezes com uma graça, um talento incrível. (...)* A melhor crítica aos meios de comunicação que já vi na minha vida descobri numa parede em Buenos Aires, no bairro de Santelmo: Nos mean y los diários dicen: llueve / Mijam na gente e os jornais dizem: chove."

E no Rio de Janeiro...

No Rio de Janeiro há muita escrita: banheiros, muros e paredes, vigas e pilares de viadutos, outdoors, letras de músicas no Carnaval – em ventarolas ou folhas xerografadas –, camisetas, nas escolas – como se escreve nas escolas! É uma cidade de alma aberta, exposta, convite à leitura de suas dores e alegrias, problemas e profecias: lembram do profeta Gentileza, que deixa um legado precioso, um testamento de boa vontade inteiramente escrito nos pilares da avenida Perimetral, que liga a zona norte à zona sul da cidade? Uma cidade que se permite isso – porque a opinião pública é poderosa –, uma cidade que escreve sua própria tensão e pode lê-la é uma cidade que se salva, isto é, há sempre uma outra

história a ser escrita no Rio, diferente da que – à sua revelia – lhe é muitas vezes imposta. Eu acredito nisso.

Como é possível demarcar identidades particulares de determinados grupos sociais através do uso que se faz da palavra escrita?

Nos espaços abertos da cidade, a palavra escrita circula para exposição de um produto, uma informação, um pedido, ou em protesto. Nos espaços fechados, a palavra ganha outros usos, peculiaríssimos. A distinção dos grupos sociais pelo uso da palavra escrita reside na intimidade e manejo desse instrumento de comunicação e expressão, freqüente entre as camadas sociais privilegiadas, bem mais difícil entre aquelas outras que não desfrutam de familiaridade com a escrita e seus instrumentos. Precisamos falar da escola como o espaço que é responsável pela diminuição dessa flagrante injustiça social? Escrita é poder. É riqueza. É moeda com que dignidade e autonomia são compradas. Ou tem alguém que duvida?

Ao longo de sua "navegação", quais os escritos que mais impressionaram?

Um panfleto escrito, às vésperas das últimas eleições, por pescadores da Ilha do Governador contra determinado político que sumiu com os barcos deles, denunciando o fato e exortando a população a não votar nessa pessoa; o pedido de um pai ou de uma mãe sobre qualquer informação que ajudasse a esclarecer o assassinato do filho, num outdoor, também na Ilha do Governador; o grafite, antigo, num tapume do Estácio – "Loucura não prende, saúde não se vende" –; os dizeres de duas camisetas, uma delas passeando por uma rua suburbana, em Irajá: "Que Deus cuide dos meus amigos: dos meus inimigos cuido eu! 100% revolvido". Uma outra, que anda, volta e meia, no corpo de minha filha, numa camiseta de malha preta, curtinha, que tem na parte das costas a fotografia de uma favela do Rio. "O Viva Rio nasceu em 1993 em resposta ao clima de insegurança que pairava sobre a cidade. Uma Organização não-governamental que incentiva indivíduos, associações e

Saiba mais

Outros livros de Eduardo Galeano:
 O livro dos abraços (Porto Alegre, L&PM, 1995)
 O teatro do bem e do mal (Porto Alegre, L&PM, 2002)
 Bocas do tempo (Porto Alegre, L&PM, 2004)

empresas a construir uma sociedade”. Me impressionaram ainda o grafite na altura de um quarto andar de prédio na avenida Paulo de Frontin, lido quando se passa sobre o viaduto construído para tornar mais ágil a cidade: “O que você faria se não tivesse medo?”. O recente “Basta!”, em faixas e camisetas, e um texto escrito com pincel atômico preto em papel quarenta quilos, exposto no chão na avenida Nossa Senhora de Copacabana. Nele, Lara Fernandes falava da violência com que garis e guardas municipais pegaram seu material de trabalho e pertences pessoais, entre os quais havia material escolar da filha dela, Luana, uniforme e requisição médica de exame para a menina. Ela estava desolada.

Na perspectiva da sua pesquisa, o que o gigantesco número de pichações em locais públicos revela sobre a cidade?

É importante – e muito difícil – distinguir pichação e grafite. De forma geral, o grafite é feito em espaços abertos e públicos, não costuma ferir o monumento, a propriedade privada; vale-se dos muros públicos, tapumes de obras, madeiras, e traduz-se por frases, palavras de ordem, protestos políticos. A pichação apresenta-se mais como marca de autor, rastro de passagem e ousadia, e se faz sobre qualquer superfície: monumentos, fachadas de edifícios, muros residenciais. Se defendemos a escrita pela cidade como revelação de sua própria alma, pichação e grafite são expressões valiosas dessa alma. Não há metrópole sem grande número dessas escritas, que, consideradas por muitos como sujeira, são tomadas por outros como expressão. Não gostamos de ver alguns espaços da cidade marcados pelas pichações? Vamos oferecer espaços para essas escritas, como há em um extenso muro da rua Jardim Botânico, e em vários outros lugares, e vamos também demarcar alguns espaços em que essa escrita não pode acontecer. O Cristo Redentor, por exemplo, ou as paredes do Teatro Municipal, de uma escola. Isso precisa ser uma convenção da cidade, na qual fiquem também claras as penalidades aplicadas às transgressões. Não podemos é perder aquele grafite “o que você faria se não tivesse

medo?”, ou este outro “Viva como se não houvesse amanhã” no alto de uma viga de viaduto de acesso à Linha Vermelha, como não poderíamos sequer pensar em ficar sem as escritas de Gentileza. Por quê? Porque falam por aí filósofos da cidade, que têm o mesmo direito de expressão do que aqueles que dispõem de páginas impressas para fazê-lo.

“Nossa cultura aponta não para a dualidade, mas para a complementaridade entre imagem e palavra escrita, e tal situação requer um processo educativo para seu pleno usufruto”

Como você interpreta o grande número de escritos ou pichações de facções criminosas?

As facções criminosas estão deixando de ser marginais para se colocarem como o que são, um grande negócio capitalista à margem da lei, e querem fazer propaganda de seu produto. Antes de enveredar por um dos caminhos possíveis para uma contraposição ao avanço da criminalidade, gostaria de observar que a letra não tem moral nem patrão, isto é, serve tanto para resguardar os direitos humanos, quanto para violá-los. Segundo a via a trilhar é que se traça o uso da letra, da palavra escrita, que circula entre tradição e ruptura, entre manutenção dos valores vigentes na sociedade ou clamor por mudanças. A letra está presente na manutenção tirânica da ordem, ao lavar oficialmente sentenças de morte, mas é também o pilar da sedição. É preciso saber que sociedade queremos, para decidir – a sociedade como um todo é quem permite e exige que se cumpra a sua vontade – se nos colocamos complacentes com a propaganda do crime e da hipocrisia política ou se reivindicamos o direito à escrita do futuro. Essa escrita se faz sobretudo com a decisão política de conceder material de escrita aos jo-

vens e às crianças. Assim como a III República Francesa instala no início do século XX a obrigatoriedade da educação, gratuita e laica, e isso dá uma direção de futuro a todos os cidadãos e todas as cidadãs na sociedade francesa, é preciso oferecer às crianças e jovens que estão convivendo com os dogmas do tráfico os valores da escrita transformadora. O acesso à leitura de textos literários, principalmente, possibilita a esses jovens e a essas crianças vir a escrever outras histórias, e não estes frequentes episódios que alimentam os jornais, em que perdemos todos, ganhando apenas os grandes e inalcançáveis empresários das drogas – lícitas ou ilícitas.

“Mesmo o aluno tido como analfabeto tem uma experiência de escrita a ser considerada...”

Como são feitos os juízos de valor em relação ao material pesquisado - a bela frase, o clichê, a expressão preconceituosa, a capa de jornal repleta de estereótipos etc.?

Não há juízo de valor, como já disse em relação à hierarquia. Há constatação, preservação para memória e compreensão. A própria reflexão mais erudita que acompanha muitos textos procura simplesmente verificar usos semelhantes em outras épocas, formas de apropriação ancestrais que coincidem com as contemporâneas, transmigrações, reformulações. O clichê foi material de primeira linha para Machado de Assis, que o ressignificava, por meio de acurado processo metalingüístico. O estereótipo do jornal alcança comunicação direta com um público que busca o fato imediato; a expressão preconceituosa de hoje vira a intervenção humorística de amanhã, a bela frase pode ter sido a estampa do mau gosto em momentos passa-

dos. O *Diário* objetiva oferecer um panorama da escrita, da sua história, de seus instrumentos e suas realizações, e nos acompanha, nessa navegação, uma reflexão crítica, em que a análise contextual permita a compreensão da força ou da inércia da escrita, e do quanto inércia e força dependem dos usuários e das circunstâncias por eles criadas.

Até que ponto o material pesquisado é legitimado nos currículos escolares, já que deve ser levado para dentro da escola, principalmente pelos alunos?

Parte desse material, as escritas que circulam nos espaços públicos, sobretudo nas ruas, é efetivamente levada para dentro das salas de aula. Como integrante de uma cultura, esse material precisa ser considerado no processo de alfabetização e de letramento, para ser acrescentado à cultura escrita, que não se faz só da tradição, como vimos, mas também da ruptura; não apenas do que a academia prescreve, e sim do que a rua igualmente constrói e transforma. A linha pedagógica de atuação da escola pública municipal tem investido na perspectiva histórico-cultural da apropriação da escrita, tomando pensadores como Vygotsky, Bakhtine, historiadores como Chartier, pedagogos como Magda Soares e Ezequiel Teodoro da Silva para eixos de seu projeto.

Então a escola municipal carioca tem, de alguma forma, legitimado essa escrita não-formal...

Entre 2002 e 2003 fui dinamizadora de curso para Coordenadores Pedagógicos da SME e verifiquei que essa legitimação da escrita não-formal, isto é, situada fora dos espaços escolares, está acontecendo na escola pública. Verifiquei, por outro lado, que esse não é um processo homogêneo, que há muita rejeição ao saber e à escrita que o aluno já traz consigo ao ingressar na escola, porque é fora de dúvida que ele traz um saber. Mesmo o aluno tido como analfabeto tem uma experiência de escrita a ser considerada e a História Cultural mostra isso muito bem:

como na Revolução dos Alfaiates, as pessoas não precisam ser letradas para conviver com a cultura escrita – num círculo de pessoas, basta haver um que saiba ler e escrever para estender à sua volta o usufruto dos produtos dessa cultura escrita. E quem se chega aos que sabem ler e escrever para ouvir, para saber também do que se trata, fazem-no com clareza do bem que isso representa. Se minha aluna, se meu aluno chegam perto de mim com sua escrita que posso considerar como incompleta, em trânsito, estou ali para acrescentar à escrita dela e dele não a escrita que eu sei, mas a escrita que é patrimônio da humanidade, e da qual a escola precisa ser a depositária. Os fracassos em alfabetização e letramento, as reportagens que, volta e meia, a imprensa gosta de fazer não levam em conta dois aspectos fundamentais: escrita e leitura (repare: são dois processos que guardam na complementaridade a sua autonomia, como a cara e a coroa de uma moeda) são tecnologias de ponta, e, como tal, sofisticadas e de manejo difícil. Nossos professores e professoras não são preparados para lidar com esta perspectiva, nem mesmo – muitas vezes – para lidarem eles próprios com essas tecnologias. O segundo aspecto é que os alunos em processo de fracasso são, recorriavelmente, alunos de escola pública, seja porque são pobres, seja porque são os oriundos da escola particular que não soube e não quis lidar com esse fracasso que é, assim, *democratizado*, enquanto o sucesso – ah! –, esse pertence à escola privada, cara e inacessível à grande parte dos cidadãos deste país.

De que forma o professor pode apropriar-se da “escrita no Rio de Janeiro” para contextualizar seu trabalho em sala de aula?

Pretendo colaborar com o professor e com a professora nesta tarefa, levando para o *Diário* folhetos de supermercado e de várias outras propagandas, frases de grafites ou pichações, parte de letras de músicas populares fora do grande circuito, escritos de crianças, cartões-

postais, textos de camisetas, de outdoors, de escrita de cemitério e de igreja, de entrevistas com escritoras ou escritores, artistas visuais, jovens, panfletos políticos, fragmentos de obras raras dos acervos públicos etc. – na intenção de dizer ao docente: tome, é seu, é de nosso aluno, de nossa aluna, é nosso. Use, abuse, navegue por esse mar da palavra escrita, como propõe o querido Eduardo Galeano, capaz de atrair num fim de tarde de dia útil cerca de quinhentas pessoas ao Centro Cultural Banco do Brasil, no Centro da cidade, para ouvi-lo ler os seus textos. Para ouvi-lo ler, pois, conforme me disse no Café Brasileiro, no coração da Montevideu histórica, numa tarde que antecedeu em cerca de um mês sua presença neste Rio de Janeiro: “... a palavra escrita é uma síntese das artes mais diversas: parente da música quando é lida em voz alta e vira som, não abandona a força das imagens, a força multiplicadora das imagens convertidas em palavras que vão se reconvertendo em imagens – aí a palavra escrita se liga às artes plásticas – e é uma maneira de razonar aquilo que lê, e faz sentir profundamente e de um jeito louco o que se está recebendo em forma de palavras: uma mensagem, essa energia de comunicação que está chegando, ao mesmo tempo, a muitos portos diferentes: é como uma navegação de portos múltiplos.” ■

Janela sobre as paredes

Escrito em um muro de Montevideu: *As virgens têm muitos Natais, mas nenhuma Noite Boa.*

Em Buenos Aires: *Estou com ome, já comi o f.*

Também em Buenos Aires: *Ressuscitaremos, ainda que isso nos custe a vida.*

Em Quito: *Quando tínhamos todas as respostas, mudaram as perguntas.*

No México: *Salário mínimo para o presidente, para ver o que ele sente.*

Em Lima: *Não queremos sobreviver. Queremos viver.*

Em Havana: *Tudo é dançável.*

No Rio de Janeiro: *Quem tem medo de viver não nasce.*

Eduardo Galeano, em Palavras Andantes (Porto Alegre, L&PM, 1994).

Formação continuada na Bienal do Rio

Programação da feira é boa **oportunidade para o professor se aperfeiçoar**

Os desafios da educação sempre estiveram além dos requisitos formais exigidos para o exercício do magistério, e tampouco as questões que se impõem no cotidiano do educador irão encontrar respostas definitivas nas especializações científicas. Mesmo para os mais dedicados professores em busca de saberes específicos, a realidade dinâmica do ensino requer algo mais: um esforço de aprendizado constante cultivado no próprio dia-a-dia, aproveitando oportunidades que surgem. A XII Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro, a ser realizada entre os dias 12 e 22 de maio no Riocentro, promete ser uma dessas oportunidades imperdíveis para o docente preocupado com o aperfeiçoamento.

Cada vez mais difundido entre as diversas categorias profissionais, o conceito de formação continuada significa para o magistério um inescotável e constante processo de atualização dos professores, principalmente no que se refere a conteúdo, metodologia e bibliografia.

Iniciativas que visam à formação continuada estão sempre presentes nas grades de programação das grandes feiras literárias. Nestes eventos, além de inúmeros atrativos para crianças, há também palestras, oficinas, mesas-redondas e seminários destinados aos professores. A Bienal do Livro de São Paulo, por exemplo, consolidou-se como um epicentro de eventos culturais destinados à atualização profissional. Na edição de 2004, o ciclo de palestras intitulado “Fala, professor!” levou à Bienal renomados educadores para falarem a um público de docentes de escolas públicas e privadas. As palestras versaram sobre técnicas e materiais de apoio na sala de aula, saúde na escola, literatura infanto-juvenil e inclusão escolar do aluno deficiente, entre tópicos diversos.

Na última Bienal do Livro do Rio de Janeiro, realizada em 2003, vários foram os temas de destaque dedicados aos profissionais da educação. “Ensinar é aprender: professor e leitura”, “A arte de ensinar artes”, “Educação,

“Mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de aprender. Por isso, somos os únicos em quem aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito.”

Paulo Freire



DIVULGAÇÃO



Ecologia. Nova ética para novas óticas” e “Educação como serviço: assistencialismo ou ensino?” foram alguns dos assuntos abordados por nomes como Ziraldo, Marina Silva, Ruth Rocha, Esther Grossi, Muniz Sodré e João Falcão.

A edição de 2005 da feira carioca deverá continuar nesse caminho. Homenageando a França, estarão presentes no Riocentro grandes nomes da vida intelectual e literária do país de Balzac e Victor Hugo, como o sociólogo e teórico da comunicação Dominique Wolton, a escritora Lolita Pille e o romancista Daniel Pennac.

Grande sucesso na edição de 2003, o quadro “Amigos para Sempre” será reeditado este ano. Realizado no Café Literário, a idéia é que autores falem de amigos já falecidos. Alguns nomes já estão confirmados, como Armando Nogueira falando de Nelson Rodrigues, Heloísa Buarque

de Holanda sobre Rachel de Queiroz e Maria da Conceição Tavares sobre Celso Furtado.

Os professores podem acompanhar a programação no site da Bienal (ver Saiba mais) e escolher os eventos que mais se encaixam em sua perspectiva particular e aos seus anseios por uma docência em constante e inesgotável processo de “abertura ao risco e à aventura do espírito”. ■

Saiba mais

www.bienaldolivro.com.br
Informações sobre expositores e programação, história da Bienal e dados diversos que podem ser do interesse do professor e das instituições de ensino.

Rede levará 30 mil alunos

A visitação escolar à XII Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro já virou tradição entre as escolas da cidade e das regiões próximas. Os grupos de crianças e jovens circulando pelos corredores da feira já fazem parte da paisagem do evento quase tanto quanto livros empilhados, organizados e expostos nos diversos estandes. A última edição do evento recebeu 200 mil crianças e adolescentes cadastrados. A Rede Municipal de Ensino levará cerca de 30 mil alunos. A organização da Bienal aposta no incentivo à Visitação Escolar como meio de incentivo do hábito de leitura entre o público infantil e infanto-juvenil, além de garantia de formação de uma nova geração de leitores.

Projeto investe em alunos autores

Escola México tem **experiência bem-sucedida** com o “Abrace um aluno escritor”

A turma 1.301 da Escola Municipal México, composta por alunos do último ano do 1º Ciclo do Ensino Fundamental, teve incorporada ao processo de aprendizagem uma experiência de produção de texto que aposta na constituição da identidade e da autonomia. Trata-se do projeto social e pedagógico “Abrace um aluno escritor”, iniciativa divulgada na II Mostra Trocando Idéias com o Século XX1, realizada pela MULTIRIO. Criado por professores da rede municipal de ensino, o projeto

visa aproximar o jovem e a criança do livro, não apenas como leitores, mas principalmente como produtores, com a publicação de obras de autoria dos próprios alunos, apostando na apropriação da língua escrita como melhor instrumento de acesso à cidadania plena.

Os alunos produziram 31 poemas que traçavam o perfil dos próprios colegas de turma. Com títulos como “As aventuras da T. 1.301” ou “As aventuras da turminha maluquinha”, os textos chamaram a atenção da professora Stella de Moraes Pellegrini, responsável pela implementação do projeto na escola México. Stella sugeriu à professora da turma, e depois aos próprios alunos, que contassem essas histórias e com elas produzissem um livro.

A proposta foi aceita com entusiasmo, e logo foram organizadas oficinas de produção de texto, ilustração e círculos de leitura, avaliação dos melhores textos pelos alunos e, finalmente, o estabelecimento do material final. As professoras utilizaram o site e o CD-ROM do Trocando Idéias com o Século XX1 para esclarecimento de dúvidas e enriquecimento do trabalho. Após uma reunião com os responsáveis, a fim de obter autorização para publicação, o livro foi lançado no estande da Secretaria Municipal de Educação no 6º Salão do Livro para Crianças e Jovens, no MAM, em setembro de 2004, com a presença dos jovens escritores e suas famílias.

O livro teve tiragem de 80 exemplares, e cada aluno recebeu o seu. Houve uma manhã de au-

STELLA PELLEGRINI DIZ QUE O PROJETO NASCEU DA EXPERIÊNCIA DE SALA DE AULA



tógrafos na escola, com a presença da comunidade, por ocasião da I Mostra de Literatura da Escola Municipal México. A avaliação dos resultados obtidos ocorreu durante todo o processo e como parte dele. Com o produto final, os alunos se sentiram altamente prestigiados. O resultado também foi satisfatório para as famílias dos escritores-mirins e para os próprios professores da escola.

Novas produções – Alguns meses após o lançamento do primeiro livro as crianças vêm demonstrando maior interesse não apenas pela leitura, mas principalmente por escrever suas próprias histórias. Um segundo livro já foi lançado, com textos da turma de alunos com necessidades educativas especiais, e mais dois estão a caminho. Stella relata a experiência com um dos alunos da escola que menos de um ano após ser alfabetizado já estava enchendo uma folha de caderno com seus relatos.

“O projeto é muito importante, entre outras coisas, porque não surgiu de cima pra baixo. Ele veio de baixo pra cima. Nasceu na sala de aula, foi uma idéia que apareceu da vivência, das dificuldades do professor” – diz Stella.

A idéia do projeto “Abraça um aluno escritor” nasceu do desejo do professor Ricardo Bernardes, da Escola Municipal Laura Travassos, em Padre Miguel, de tornar o processo de aprendizado algo mais prazeroso. Em 2002 ele realizou uma experiência que pode ser considerada o embrião do Abraça, no Ciep Doutor Adão Pereira Nunes, em Irajá. Sua iniciativa, toda documentada, atraiu a atenção de outros professores, que formaram um grupo e partiram para transformar a idéia da produção pelos próprios alunos em estratégia a ser difundida pelas escolas.

O Abraça tem hoje parcerias com as Coordenadorias Regionais de Educação e diversas outras instituições, públicas ou privadas. A distribuição dos livros tem sido feita apenas nas escolas envolvidas e suas vizinhas, mas os co-

Educação Infantil na Mostra Século XX1

Novidades no regulamento da Mostra Trocando Idéias com o Século XX1, que este ano entra em sua terceira edição. Projetos de professores e alunos de Educação Infantil poderão participar do evento. Essa é apenas uma de várias outras alterações que serão implementadas.

A idéia de modificar o regulamento surgiu a partir de consultas feitas aos professores da rede, numa parceria da MULTIRIO com a equipe da Secretaria Municipal de Educação, especialmente da Divisão de Mídia-educação.

A Mostra Trocando Idéias com o Século XX1, que acontece todos os anos em novembro, tem como objetivo divulgar projetos de ensino-aprendizagem desenvolvidos por professoras(es) que incorporem o uso de mídia no processo educativo e, sobretudo, fomentar a troca de experiências entre os docentes, ampliando seus conhecimentos. Podem participar trabalhos feitos em jornal, jornal mural, revista, livro, vídeo, rádio, cinema, celular, computador e internet.

Os projetos devem estar em consonância com o projeto político-pedagógico da escola e com pelo menos um dos os temas principais das CHAVES do Site Século XX1: “Violência Urbana e Juventude”, “Funk e Rap”, “O Novo Mundo do Trabalho”, “Guerra”, “Água”, “Sexo e Mídia”, “Identidade”, “Esporte”, “Biotecnologia” e outros que serão criados e publicados no site do programa durante o ano de 2005. Mais informações no site Século XX1: www.multirio.rj.gov.br/seculo21

ordenadores esperam em breve disponibilizar os títulos em todas as salas de leitura das escolas da Prefeitura do Rio.

O projeto terminou o ano de 2004 com um saldo de 150 títulos publicados e a participação direta de mais de 5.000 alunos. Os organizadores festejam essa maior vinculação do aluno com a escola, alcançada pela implementação do Abraça em diversas unidades escolares. O aproveitamento da capacidade criadora das crianças e o trabalho com seu espírito crítico parecem ser seus maiores méritos.

O Abraça visa todos os segmentos do Ensino Fundamental, incluindo a Educação Infantil. O professor que desejar aderir precisa entrar em contato com um dos coordenadores pelo endereço eletrônico (ver Saiba mais). A partir daí ele recebe toda orientação necessária para o desenvolvimento do processo de produção do livro. ■

Saiba mais

www.abraceumalunoescritor.org

e-mail:

projetoabrace@aol.com

A física do dia-a-dia

“A primeira coisa que me vem à cabeça são os fenômenos da natureza.”

Lídia Espíndola,
funcionária pública



“Me lembro sempre dos aviões. Minha família viaja muito e sempre achei incrível o fato de um objeto tão pesado conseguir voar, e muito rápido.”

Eric Okamura, estudante



“Em várias coisas. Até mesmo no fato de ficar em pé no chão e não sair voando é física, por causa da lei da gravidade”.

Patrícia dos Reis,
estudante de
comunicação social



“Quando penso em física só penso em uma coisa: vestibular. Estou no primeiro ano do segundo grau e a primeira coisa que me vem à cabeça é a escola mesmo.”

Lívia Souza, estudante



Física: ciência que investiga as leis do universo no que diz respeito à matéria e à energia, que são seus constituintes, e suas interações. A definição é do “Dicionário Houaiss” e nos dá a exata dimensão do que representa essa ciência em nossas vidas. Ela está por todos os lados, nas coisas que vemos, nas que não vemos. Do carrinho de mão do pedreiro à energia elétrica que mantém acesas as lâmpadas de casa.

Usamos e nos beneficiamos de princípios físicos a todo instante, mas poucas vezes paramos para pensar nas relações que têm com a ciência que aprendemos nos bancos da escola. Por isto a “Nós da Escola” foi até as ruas da cidade e perguntou: quando você ouve falar em física qual a primeira atividade ou objeto do seu cotidiano que lhe vem à mente?



“A primeira coisa da qual me lembro são as explosões nucleares. As imagens de uma bomba atômica explodindo, aquele monte de energia. É muito impressionante!”

Marlon Nunes,
estudante



“A física me lembra meu instrumento de trabalho, que é o violão, a guitarra, o som. Tudo depende do movimento das cordas, da vibração e no caso da guitarra, da transmissão e amplificação elétrica deste som.”

Lino Camenitzki,
professor de guitarra e violão



“Relaciono física ao movimento do elevador. Também quando alguém está caminhando e precisa calcular a distância e a velocidade para não bater em outra pessoa”.

Jorge Rocha de Lima,
assistente de produção



“Como míope, a primeira coisa de que me lembro são as minhas lentes. Tenho dez graus e sem esta tecnologia ótica teria sérias dificuldades para enxergar.”

Marcela Rezende,
antropóloga



Literatura e formação de leitores

Ler para se informar. Ler para estudar. Ler para conhecer. Ler para se aventurar. Ler para refletir. Ler para imaginar. Ler para sonhar. Ler para entender o mundo. Ler para... Podemos passar horas a fio respondendo para que serve a leitura e chegaremos à conclusão de que serve para isso tudo e muito mais. **Ler é produzir sentido, significados.**

Significados que têm a ver com cada um de nós, o que faz da experiência de leitura uma aventura muito particular e impregnada de histórias de vida, de sucessos, de derrotas, de expectativas. Essa experiência encanta, apaixonava e liberta.

É difícil encontrar alguém que tenha lido Machado, Cervantes, Clarice, Andersen, Cora e tantos outros autores que nos apresentaram com obras maravilhosas, e não tenha se aventurado e se envolvido completamente nas histórias de seus personagens. A literatura faz isso, nos convida a sonhar, a imaginar a partir de um mundo inventado. Nessa viagem fazemos perguntas à vida e nos enriquecemos como pessoas e como leitores.

E por que o texto literário mexe tanto com nossos sentidos? Por uma série de características formais, apontadas pela pesquisadora Cristina Monteiro de Castro Pereira no artigo da página 22, mas também porque o texto literário é aberto, trata de conflitos que estão aí, na vida, não parte de pressuposto nenhum como um texto científico, é multicultural, é multidisciplinar.

Nessa perspectiva, dialoga com leitores de espaços, tempos e culturas diferentes, o que lhe torna atemporal e passível de múltiplas leituras. Em outras palavras o texto literário “nos faz viver”, para usar uma expressão de Antonio Candido, porque oferece espaço para a criação da subjetividade.

E já foi definido como “uma rede de enunciados sustentada no signo lingüístico, que traz em si uma prerrogativa que o distingue de outros textos, bem como de outras formas de linguagem: deixa o leitor em situação de plena liberdade para criar suas próprias imagens, no processo de ativação das percepções da mente”. Assim, proporciona aos que com ele interagem várias possibilidades de identificação, aproximação, distanciamento, relativas tanto às personagens propriamente ditas, quan-





“A produção literária tira as palavras do nada para fazer delas um todo articulado, e aí está o ponto mais importante de seu nível humanizador. O modo de organização da palavra comunica-se ao nosso espírito e o leva primeiro a se organizar; para em seguida organizar o mundo” (Antonio Candido, 2002).

to aos enredos, cenários, tempos, lugares etc. Essa propriedade do literário é indispensável à formação da subjetividade e à constituição da personalidade, traços indispensáveis ao exercício do papel crítico daquele que chega a interferir de fato na sociedade.

Por isso tudo, a **literatura ensina** sem ter a proposta de ensinar nada. Dialoga com vários saberes sem a pretensão de fundar teorias. Ensina história, geografia, psicologia, filosofia e tantos outros conhecimentos da forma mais saborosa e estimulante. Quem já leu Cora

Coralina, por exemplo, sabe que em suas linhas sobre Goiás há lições preciosas de história do Brasil. Os que já se aventuraram pelas páginas de Shakespeare aprendeu mais sobre poder, para citar apenas um tema de sua vasta obra, do que lendo qualquer filósofo social. Os fãs de Lobato tiveram lições de gramática e aritmética dadas pela boneca Emília e conheceram a história das invenções e geografia nos serões de Dona Benta.

Na escola - Por conta disso podemos dizer que a literatura é parceira na escola. Confere “sa-

“A aprendizagem usando texto literário não deve ser prática apenas da aula de Português. Deve ser uma proposta da escola.

A língua é de todos nós e o texto literário oferece tudo.

Em todas as disciplinas é possível fazer uma leitura crítica, interpretativa da literatura. E, a partir daí, construir um sentido conjunto, produzindo outros textos, usando a gramática textual, observando a pontuação, os personagens, os mistérios que acabam nos levando a uma reflexão sobre o mundo”

(Armíndia Longo da Silva, professora da Sala de Leitura Lourenço Filho)

bor” ao processo de construção do conhecimento. E não deve ser tomada como uma disciplina. Mesmo porque aula de literatura é uma aula sobre história de literatura e não é disso que estamos tratando. Estamos falando do texto literário como um recurso para enriquecer o trabalho realizado na escola, independente da disciplina, como defende a especialista em literatura Eliana Yunes: “Em sala de aula a literatura deve ser uma experiência de partilha. Ler junto para discutir junto, para trocar idéias, se sensibilizar e trocar essa sensibilização. Deve-se procurar, por isso, uma obra que tenha a ver com o momento, com o que está acontecendo em torno do aluno, em torno da sociedade.

Literatura escola tem a ver com a idéia de círculo de leitura: ler compartilhando, trocando idéias, comparando, fazendo com que o leitor/aluno tenha espaço de se dizer, de se encontrar no que está lendo”.

Ela desenvolve a prática do círculo de leitura uma tarde por semana com jovens de áreas carentes da cidade. E é absolutamente enriquecedora. Dia desses, ela leu com os meninos um mapa da cidade do México. “Eu trouxe para nossa leitura toda a história da cultura asteca e também um mapa que sobrepõe imagens indígenas ao mapa atual da Cidade do México. Conhecemos a cidade, lemos as imagens, lemos uma história”, conta a professora. Uma outra vez ela levou o Conto da Ilha Desconhecida, de José Saramago. “Durante uma hora e meia lemos o texto. Tivemos uma proveitosíssima discussão sobre o que era a ilha desconhecida. Fiquei impressionada por

que são meninos de periferia do Rio de Janeiro, desprovidos de experiência de uso do imaginário. Mesmo assim, eles trouxeram conhecimentos da história das navegações, das caravelas, falaram de ter lido ou não mapas. Eu acredito, então, que a literatura na escola deva ser essa experiência de lidar, também, com várias linguagens numa proposta de partilha”, conta Yunes, que é criadora do Proler e vice-decana do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio.

Assim, de forma prazerosa, talvez fique mais fácil atrair quem não tem a experiência leitora para o universo literário. “A literatura por si só é mágica, mas quem ainda não entrou no mundo da literatura precisa ser coadjuvado, precisa viver num ambiente de amor e de gosto pela literatura”, explica a professora. E essa sedução, segundo ela, é complexa. É uma sedução dos sentidos, das emoções, dos conhecimentos pretéritos. Por isso, ela acredita que um professor que não é leitor não fará milagre. Na verdade, para ela, não há milagre na literatura, o que há é um convencimento baseado na atitude de amor pela leitura. “O professor que ama ler, que goste de cinema, de música passa esse movimento amoroso para os alunos”, diz.

Ela acredita também que o professor não é culpado por não ter desenvolvido, em muitos casos, uma intimidade com o mundo da literatura. Para Yunes ele é vítima da mesma estrutura que vitimiza seus alunos. Ou seja, não viveu a experiência amorosa com o livro na sua formação, nem na escola, nem em casa, nem nos

E. M. MÉXICO



curso para professor. Não encontrou ambiente para desenvolver uma experiência leitora, de leitor de literatura. “E se você não tem a experiência literária não chegará a ser um **leitor criativo**, um produtor de sentido que é capaz de ir além dos métodos”, afirma a professora.

Formação de leitor - Os anos em que passou à frente do Proler, entre 1992 e 1996, mostraram a Eliana Yunes que não tem idade para se formar leitor. “Não importa a idade, condição social e história pregressa de leitor. Basta convívio, tempo e uma certa prática. São favas contadas”.

E há formas já consagradas para realizar essa tarefa. Uma delas tem a ver com o tema de uma tese, orientada por Yunes e defendida em 2003 pela jornalista Eliane Hatherly Paz, no departamento de Letras da PUC-Rio. Em seu estudo ela trata da **‘literatura de entretenimento’** como via de acesso à ‘literatura de proposta’. Só para esclarecer: o que ela chama de literatura de entretenimento são as “obras de ficção ou não-ficção com um viés narrativo dos livros mais vendidos”. Literatura de proposta é um conceito sugerido por Umberto Eco para de-

finir a obra “que cria solicitações do público que decide formar”.

O ponto principal do estudo da jornalista é a formação de um leitor crítico. “Não adianta a criança ou o jovem ter acesso somente aos clássicos. Ela deve ter um contraponto. Até para poder discernir o que acha bom ou ruim e, a partir daí, escolher suas leituras e progredir em seu nível de leitura”, observa Eliane.

A ideia de oferecer vários tipos de leitura foi posta em prática por Eliana Yunes e Francisco Gregorio, atual Secretário de Cultura do Acre, na Casa da Leitura. Eram encontros frequentes de leitura compartilhada onde se oferecia um verdadeiro banquete. Havia imagens (de programas de TV, pinturas, gravuras, cinema, vídeo etc.), sons, música, récitas, coros, contos, declamações, literatura, publicidade, curiosidades, infomativos, almanaques, enfim, várias linguagens. “A partir daí se cria um gancho para a leitura de romances, mitologia, história, cultura popular, contos folclóricos. A ideia é oferecer uma história, trazer o mito escrito, projetar um filme que tenha a ver com o mito, como esse

O poeta e crítico literário José Paulo Paes, ponderando sobre a literatura de entretenimento, propôs, a partir de reflexões de Umberto Eco sobre a cultura de massa, uma ‘teoria do degrau’: “estimuladora do gosto e do hábito da leitura (a literatura ‘média’ de entretenimento) adquire o sentido de degrau de acesso a um patamar mais alto (o da literatura de proposta) onde o entretenimento não se esgota em si mas traz consigo um alargamento da percepção e um aprofundamento da compreensão das coisas do mundo”. (Eliane Hatherly Paz, 2003)

“Abrir um livro a esmo é um secreto prazer, ninguém sabe que você está fazendo isso, qualquer um a sua volta vai acreditar que você está apenas retomando a leitura de onde você parou. Mas você sabe que está brincando, jogando um jogo de possibilidades inesperadas”. (Antônio Castro, 2004)

E. M. MÉXICO



Ler um livro é melhor que ver TV?

É muito comum a escola privilegiar o texto quando o assunto é a aprendizagem. É assim desde que a escola começou. Na verdade, toda a sociedade se organiza pelo texto e quem não teve a oportunidade de aprender a ler e a escrever fica com acesso limitado aos bens e serviços. Os analfabetos vivem uma situação de “cidadão de segunda classe”, como se diz. Isso sem contar a discriminação e o preconceito.

Jesús Martín-Barbero, que é um estudioso da comunicação e vive na Colômbia, chegou à conclusão que nos países como o Brasil e seus vizinhos da América Latina, os meios de comunicação de massa - como a televisão e o rádio - têm uma importância social que chega a ser maior que a da escola e do texto. É por intermédio destes meios, que se valem principalmente da fala e das imagens para transmitir suas mensagens, que a população destes países se informa, se diverte, se educa e se constitui enquanto povo. Ora, se é assim, por que vamos à escola aprender a ler e escrever?

Bem, na verdade, Martín-Barbero não tem a intenção de desmerecer o texto e a importância de se aprender a ler e escrever. Sua intenção é mostrar que nessas sociedades, que se transformaram muito rapidamente no último século, mas onde perdura uma grande desigualdade de condições de vida, muita gente permanece excluída da escola, do mundo letrado, conseguindo se comunicar melhor pela oralidade.

Em primeiro lugar, para que existam leitores, é preciso garantir que todos tenham acesso à alfabetização. Mas, qual alfabetização? Em que lugar? Como? Por quê? Bem, além do que hoje chamamos de letramento, também seria importante que se desse uma alfabetização um pouco diferente: como os meios de comunicação são instituições sociais muito importantes, também é preciso que haja uma alfabetização para a mídia (ele chama de “segunda alfabetização”), para podermos estar aptos a decifrar os códigos das diferentes linguagens contemporâneas.

Dando uma resposta rápida à pergunta do título, diríamos que uma coisa não é pior nem melhor que a outra. O livro e os programas de TV são dois gêneros distintos de produtos de mídia, aos quais os professores devem estar igualmente atentos. Os dois são produtos da nossa cultura e contribuem, ao seu modo, para a educação. O livro e a TV permitem experiências de fruição diferenciadas e nisto está sua riqueza.

Os livros podem nos encantar, atizar nossa imaginação, levando-nos até onde jamais imaginamos chegar. A leitura é um componente essencial do letramento, isso não só na infância, mas pela nossa vida toda. A literatura nos remete às narrativas, sem as quais não sobreviveríamos. É por saber contar histórias que os homens subsistem desde a pré-história - quando nossos ancestrais desenhavam seus “livros” nas paredes das cavernas - passando de geração para geração conhecimentos, valores, experiência de vida.

É bonito ver os catadores de papel, após a labuta diária, sobre as caçambas das carrocinhas que arrastaram por horas a fio, lendo atentamente a revista da semana passada, deixando levar-se pelo enredo da vida. É da natureza humana querer saber o que se passa, buscar transcendência, lançar-se rumo ao desconhecido. Nessa viagem rumo a um futuro desconhecido, a literatura é uma parceira maravilhosa. Por que então lê-se tão pouco?

Tenho para mim que o livro custa caro, a revista e o jornal também. Além disso, estiveram muito tempo a serviço de um pequeno grupo de pessoas: os letrados. Talvez fosse preciso reengendrar o livro. Principalmente hoje, quando ele não cumpre mais sozinho a sua missão. Além da televisão, que já mencionamos, não devemos nos esquecer dos computadores, da internet, das fotografias e de todas as outras formas de registro dos acontecimentos e de invenção de novos mundos e coisas. Esses meios se constituem como discursos, portanto podem ser lidos, escrutinados e interpretados, compreendidos criticamente e, para encará-los (para encarar essas outras literaturas e escrituras), precisamos nos alfabetizar.

João Alegria, Assessor da MULTIRIO

Saiba mais

Publicações

Isto e aquilo: reflexões sobre a ‘literatura de entretenimento’ no Brasil. Eliane Hatherly Paz; orientadora: Eliane Yunes. Rio de Janeiro: PUC-Rio, Departamento de Letras, 2003

Textos de intervenção.

Antonio Candido. São Paulo; Ed. 34, 2002

Na internet

Site Século XXI -

O site publicou uma série de matérias sobre o futuro do livro (www.multirio.rj.gov.br/seculo21)

Portal MULTIRIO - Tendo como gancho o bicentenário de Hans Christian Andersen a equipe do Portal preparou um perfil sobre o grande contista dinamarquês (www.multirio.rj.gov.br)

Site Rio Mídia - Os livros infantis são tema de uma reportagem do site (www.multirio.rj.gov.br/riomidia)

Site Nos Livros - Textos que tratam do prazer da leitura (www.noslivros.com)

mito foi transposto para a tela...”, explica a criadora do Proler. “Dessa forma”, segue, “se vai adentrando o outro no mistério da linguagem. A linguagem é mágica, ela cria a realidade. Neste caminho de gozo, de alegria e de descoberta passamos pela literatura, pela geografia, pela física, pela matemática”. Ela continua: “a responsabilidade de formar leitores não é a responsabilidade de formar leitores de literatura, mas a de formar uma pessoa que tenha descoberto o potencial extraordinário da linguagem”.

Exercitar a leitura - É esse caminho, na verdade, tanto pode partir da literatura quanto de um outro lugar, como o discurso lúdico, informativo, por exemplo. O importante é criar uma rede de intertextos que possibilite a expansão do imaginário. “Se esses leitores chegarão à literatura vai depender do impulso que tomarem. Um leitor certamente chegará à literatura se não partiu dela. O caminho é exercitar a experiência leitora das pessoas”, diz Eliana Yunes.

Ela conta que quando viajava pelo Proler e chegava a uma cidade, o primeiro passo de sensibilização era contar uma história. O segundo era fazer uma leitura da cidade: “víamos a distribuição arquitetônica, o acesso às vias, os espaços abertos, o significado dos edifícios”, lembra.

Era o exercício da leitura no seu sentido mais amplo. “Leitura não tem a ver com literatura, tem a ver com textualidade. As textualidades de uma ou de outra forma contam uma história. Aí está presente também a narratividade. Se você localiza em uma textualidade a narratividade dela, você lerá como se lê uma história. Se você tem a familiaridade com a literatura fica mais fácil fazer essa leitura, ler qualquer coisa”, pontua a professora.

O professor, então, na opinião de Yunes precisa ter convivência com a leitura. “Mas ele precisa ter assistência nesse sentido. Tínhamos no Proler um Núcleo de Formação do Professor Leitor. Era uma rede de escolas que estabelecia semanalmente um



ARQUIVO MULTIRO - E. M. MARECHAL HERMES/FEV. 2002

horário para o encontro de leitura. Se definia um **tema** e trabalhava-se em cima dele. Se, por exemplo, era trabalho, tratávamos desde as leis trabalhistas até como o trabalho aparecia na literatura, na pintura, no cinema etc. Discutíamos como o trabalho estava presente na vida da gente. Fazíamos um pequeno dossiê de provocações para discussão e leitura do tema. A literatura, então, é um creme de chantilly. O que sustenta é o fermento que está na massa da cultura: o ato interpretativo. E isso só existe com a condição leitora”. ■

Este ano há uma série de efemérides ligadas, inclusive, ao universo literário, que podem incentivar a realização deste tipo de trabalho na escola: 400 anos do lançamento do livro Dom Quixote de La Mancha; 200 anos de morte de Hans Christian Andersen; 100 anos da morte de Júlio Verne; e 20 anos de morte de Cora Coralina

Cristina Monteiro de Castro Pereira*

Por que crianças e adolescentes devem ler literatura?

O contato com a arte é, sem dúvida, muito estimulante para a formação de crianças e jovens. A *mimesis*, há muito já se concorda, não é uma mera imitação da realidade, mas um processo de transformação. A realidade não é a finalidade da arte, mas sua matéria-prima. Matéria-prima esta que pode ser, a partir da criação artística, utilizada em proporções e maneiras muito diversas. A criança, ao ter contato com qualquer tipo de expressão artística, experimenta formas e ângulos diferentes de apresentação do “real”.

Um desdobramento desta questão é o estímulo à imaginação. Kant já apontava, em sua Terceira Crítica, para o papel criador da imaginação durante a experiência estética. O objeto estético ultrapassa os limites daquilo que se dá a conhecer e instiga a participação ativa da imaginação do receptor para que a experiência se realize.

Até aqui, falamos da experiência estética relacionada à arte como um agente relevante no desenvolvimento da criança e do adolescente. Se todas as formas de arte são capazes de contribuir para a formação dos jovens, em que consiste a importância específica da literatura?

A literatura, há muito, se apresenta basicamente através de um texto escrito e lida com signos lingüísticos que atuam por meio de procedimentos os mais diversos. Destacamos sua capacidade sonora e musical – ligada seja ao ritmo da escrita, à rima, à métrica ou a sugestivas aliterações, assonâncias e onomatopéias. Apontamos também para sua potencialidade imagística – que pode se apresentar tanto através de figuras de linguagem, como, de modo mais concreto, pela ativação da materialidade do próprio signo e de sua disposição. Chamamos ainda a atenção para as estratégias narrativas, estímulos associativos ou quebra de expectativas que, aliados ao acima desenvolvido, são características da produção literária. O código literário é extremamente potencializado e condensado.

Wolfgang Iser aponta para o fato de que, em um texto escrito, a construção do significado é mais imagética do que semântica. O texto literário apresenta um código de aspectos esquematizados que, no momento da recepção, se transforma em imagens geradas pelo próprio leitor. Não se trata apenas de uma percepção ou da compreensão do que está escrito, mas de formulação de imagens, que acabam se portando como uma extensão do conhecimento – via criação mental do receptor. O que vale dizer que o significado de um texto literário não é único ou estático, mas variante, conforme as diversas possibilidades de produção de imagens pelo leitor. A multiplicidade de leituras de um texto literário pode ser de extrema importância, por analogia, para a formação de pessoas capazes de se relacionar com o mundo através de um olhar e de uma postura plural – não mais temerosa, mas admiradora e até produtora de diferenças.

O texto literário despragmatiza a si mesmo, promovendo reformulações na produção imagética do leitor, que é instigado a exercitar sua capacidade de adaptação e de criação. Essa participação ativa e constante na criação do objeto que se lhe apresenta é capaz de aumentar a confiança e o poder de ação do homem no próprio mundo. Quando o jovem entra em contato com a complexa construção e decorrente efeito do texto literário, melhor entende e reage a estímulos múltiplos que demandam sua interação, tornando-se mais capaz e consciente de que não é apenas um recebedor do mundo, mas – também e simultaneamente – responsável por sua produção e transformação.

Vale aqui reiterar que as modalidades artísticas atuam de formas diferentes sobre o receptor, uma vez que se apresentam por meio de linguagens diversas. Cada uma delas é responsável por estímulos e efeitos específicos – por isso o contato com a variedade de expressões da arte só pode trazer mais benefícios para a formação e para o desenvolvimento da criança e do adolescente.

Bibliografia

- BORBA, Maria Antonieta Jordão de Oliveira. Teoria do efeito estético. Niterói: Eduff, 2003.
- _____. Tópicos de teoria para a investigação do discurso literário. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004.
- KANT, Immanuel. Crítica da faculdade do juízo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

* Cristina Monteiro de Castro Pereira é doutoranda em Literatura Comparada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).



Arte cidadã

Comlurb investe na **conscientização da população** e exhibe obras feitas de lixo reciclado

Serviço

Museu de Limpeza Urbana - Praia do Caju, 385 - Caju. Informações: 3890-6021/3890-6027

Galpão das Artes Recicladas Hélio G. Pellegrino - Rua Padre Leonel Franca s/n - Gávea
Informações e visitas: 2249-2286

eventos.comlurb@pcrj.rj.gov.br
www.rio.rj.gov.br/comlurb

Quem pensa que o trabalho da Comlurb se encerra com ruas limpas e o lixo reciclado, está enganado. Em uma cidade onde cada habitante produz em média 1,5 kg de lixo por dia, a empresa investe cada vez mais na educação e conscientização do cidadão carioca. Até porque eles partem do conceito que “a limpeza urbana passa, sobretudo, pelo reaproveitamento de materiais e pela consciência de não sujar”.

“Nas sociedades conscientes da importância do respeito mútuo para o equilíbrio social, o serviço de limpeza urbana quase não utiliza garis e coletores de lixo, porque não se suja. Se pudessemos levar a educação social para cada cidadão, poderíamos economizar milhões de

reais dos impostos e a cidade estaria mais limpa. A Comlurb vem se esforçando para levar à população os conceitos de civilidade e as informações e dados sobre o lixo da desordem ou os 40% do lixo que é proveniente de ações de incivilidade, ou seja, lixo jogado nos logradouros, nos rios, etc..” afirma o Presidente da Comlurb, Paulo Carvalho Filho.

Nessa perspectiva, a empresa investe cada vez mais em espaços como o Museu de Limpeza Urbana e o Galpão de Artes Recicladas. O Museu está instalado na Casa de Banho D. João VI, localizado no bairro do Caju. Projetado como ponto de apoio para ações de pesquisa, preservação e comunicação, o Museu oferece ao

visitante exposições, seminários, espetáculos teatrais, musicais e exibição de filmes.

Lá se trabalha com os conceitos de memória e saúde, buscando a melhoria da qualidade de vida e a valorização do espaço urbano. Em parceria com o Grupo Jovens Pela Paz, são oferecidos gratuitamente cursos de flauta, violão, teatro, crochê, arte e recreação e contação de histórias. O Museu funciona de terça a sexta, das 10 às 17 horas. Nos fins de semana o horário de abertura é às 13 horas. A entrada e os cursos são gratuitos.

Segundo o presidente da Comlurb, a empresa passou a investir forte em cultura porque “esta é resultado de um amplo conjunto de informações que prepara o indivíduo para a vida e que melhora a conduta do cidadão para conviver em coletividade. Aqui, incluímos o conceito de respeito pelas áreas públicas, que são de direito, mas também de responsabilidade de todos”.

Arte na Gávea - O Galpão das Artes Recicladas Hélio G. Pellegrino retrata o aproveitamento do lixo urbano como matéria-prima para obras de arte. Concebido em parceria com a Secretaria Municipal das Culturas, o Galpão tem como principal objetivo reduzir a quantidade de resíduos urbanos incentivando práticas artísticas que utilizem lixo como objeto de trabalho.

“As crianças que participam das oficinas gostam muito porque ganham um brinquedo produzido por elas mesmas e aprendem que com o que iam jogar fora podem fazer brincadeiras e utensílios muito legais”, nos conta a coordenadora do espaço, Patrícia Jordão. No galpão ocorrem diversas oficinas como a de tapeçaria, que ensina como transformar restos de tecidos em novos tapetes, e a de Moveleira em PET, que reaproveita material plástico para confecção de móveis e utensílios. Nem todas as oficinas são gratuitas.

“O espaço funciona da seguinte forma: cedemos os ateliês e o espaço de exposições para artistas que trabalham com material reaproveitado. Eles



O GALPÃO É UM ESPAÇO PARA ARTISTAS EXIBIREM PEÇAS DE MATERIAL RECICLADO

usam o espaço também para ministrar cursos pagos. Em contrapartida, eles trabalham voluntariamente, dando cursos gratuitos para turmas de escolas municipais e outros grupos de crianças e jovens”, explica Patrícia.

Todo o investimento da Comlurb já vem dando frutos. “Temos obtido bons resultados em vários setores de sua atuação e hoje a empresa é uma das marcas fortes da cidade do Rio de Janeiro. O trabalho de conscientização tende a ganhar força com o projeto Escola Limpa, trabalho conjunto com educadores e que deverá contribuir na formação de cidadãos mais conscientes”. ■

A necessidade de reciclar

À medida que se explora cada vez mais os recursos naturais do planeta, aumenta-se também a produção de lixo. Reciclar não é somente uma medida de limpeza urbana, mas também de diminuir a necessidade de se explorar o meio ambiente e seus recursos. A importância da reciclagem aumenta, se considerarmos que uma quantidade considerável do lixo produzido não é biodegradável ou demora muitos anos para ser decomposta. Confira ao lado, quanto tempo demoram para ser absorvidos pelo meio ambiente alguns objetos que fazem parte do nosso cotidiano.

Material	Tempo
Papel	2 a 4 semanas
Palito de fósforo	6 meses
Papel plastificado	1 a 5 anos
Casca de banana	2 anos
Chiclete	5 anos
Latas	10 anos
Ponta de cigarro	10 a 20 anos
Couro	30 anos
Sacos plásticos	30 a 40 anos
Cordas de náilon	30 a 40 anos
Latas de alumínio	80 a 100 anos
Tecido	100 a 400 anos
Vidro	4000 anos
Pneus	indefinido
Garrafas plásticas	indefinido

Prefeitura investe em qualidade de vida

Ações da SMA visam ao **bem-estar do servidor** público municipal

A Prefeitura do Rio, por meio da Coordenadoria de Valorização do Servidor da Secretaria Municipal de Administração (SMA), mantém uma série de programas e iniciativas direcionadas ao bem-estar dos servidores municipais. As ações visam à saúde preventiva, integração entre servidores e os diversos órgãos municipais e humanização cada vez maior do ambiente de trabalho.

Além de direitos como plano de saúde e serviço como a perícia médica, estão à disposição dos funcionários desde palestras educativas com temas diversos - como saúde vocal, tendo como público-alvo os pro-

fessores da Rede, ou postura e ergonomia voltado para as merendeiras das escolas municipais – até programas de medicina alternativa, em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde.

Massagem, fisioterapia e acupuntura são alguns dos serviços disponíveis, além de terapias como *shiatsu*, reflexologia, auriculoterapia, *tai chi chuan*. A prefeitura mantém ainda outros programas para melhorar a qualidade de vida dos servidores, seja com a organização de campeonatos esportivos ou o direito de creche institucional e colônia de férias para os filhos de funcionários. ■

Saiba mais

Para mais informações:
 Coordenadoria de
 Valorização do Servidor
 Telefones: 2503-3044/
 2503-3595
 E-mail:
 valorizacao_servidor.sma@
 pcrj.rj.gov.br

Saúde da mulher

Na intenção de manter os servidores informados, a coordenadoria de Valorização do Servidor da SMA tem enviado, via notes, a cada 15 dias, dicas sobre saúde e qualidade de vida. A função fica a cargo da médica do Trabalho, Lílian Maia Tavares. “Tratamos de temas que impactam a rotina de cada um de nós, mas que normalmente não prestamos tanta atenção”, explica. Nos meses de verão se tratou, por exemplo, de cuidados com a pele.

Recentemente, foi enviado um e-mail que certamente é de interesse de cada uma das 32.195 professoras da Rede (dados da SMA/2004): traz dicas sobre como passar de forma saudável pelas mudanças da menopausa e como realizar a terapia de reposição hormonal. Aqui reproduzimos algumas delas:

- Nunca inicie qualquer tratamento hormonal sem supervisão médica periódica.
- Para as mulheres que não podem usar estrógenos, existem alternativas com medicamentos que diminuem os sintomas e/ou os efeitos da menopausa.
- Somente o médico pode avaliar a dose certa do medicamento e acompanhar seu excesso ou eventual falta.
- O seu médico saberá identificar as vantagens e as desvantagens de cada tratamento.
- Existem várias maneiras de administração dos hormônios: via oral, via transdérmica, via vaginal e injetável. No Brasil as duas vias mais comuns são a transdérmica e a oral, tendo sido lançado recentemente o implante subcutâneo.
- Não abandone a terapia hormonal. As vantagens de prevenção da osteoporose e das doenças cardiovasculares só serão obtidas pelo uso continuado. O abandono do tratamento causa alterações irreversíveis.
- Diversas pesquisas com vegetais, principalmente os derivados da soja, têm contribuído para o tratamento da menopausa. Contudo, não há estudos que comprovem o benefício desses tratamentos nos sistemas ósseo, nervoso e na sexualidade.
- É um engano dizer que produtos naturais não têm os mesmos efeitos colaterais dos medicamentos. Existem relatos de problemas sérios causados pelo uso indiscriminado de produtos naturais que contêm fitoestrogênios.
- Os produtos vegetais que contêm estrógeno têm os mesmos inconvenientes dos seus congêneres farmacêuticos e só devem ser usados sob estrita vigilância médica.

Para sua atualização

Programa "Abrindo o Verbo" discute TV de jovem para jovem

TV

Abrindo o Verbo

O programa nº 54, chamado de Jovem para Jovem, da Série "Abrindo o Verbo" abre espaço para os adolescentes falarem sobre como vêem televisão, sobre o que gostam, ou não, e também sobre como pensam que deveria ser sua participação no que é produzido em seu nome. Este tipo de discussão precisa ocupar os bancos escolares à medida em que a agenda de crianças

e de adolescentes brasileiros está cada vez mais ocupada pela mídia, em especial pela televisão. O site do RioMídia informa que, segundo pesquisa "divulgada no início deste mês - Geração M: Mídia na vida dos 8 aos 18 anos (*Generation M: Media in the lives of 8-18 years old*) -, produzida pela *Kaiser Family Foundation*, mostra que o público infanto-juvenil "consome mídia durante seis horas e meia por dia. O restante é dividido da seguinte forma: duas horas com os pais; uma hora praticando exercícios físicos; outra fazendo os deveres de casa; meia hora ajudando nas tarefas domésticas e o que sobra, dormindo".

Sabe-se que nos dias de hoje, a televisão ocupa o lugar de um eletrodoméstico comum, habitual, presente em grande parte das moradias e, ainda, que nem sempre as crianças e os adolescentes têm adultos próximos de si, prontos a estabelecerem uma interlocução sobre o que vêem, sobre o que sentem etc. Portanto, professores, mãos à obra. Vamos abrir as portas da sala de aula para que se estabeleça um espaço livre de diálogo e de discussão sobre a vida que passa na TV, tendo os alunos como protagonistas desta narrativa.



Falando sobre TV

Professor, pare para pensar sobre quais são as suas preferências na televisão. Possivelmente você assiste a alguns programas que os seus alunos também gostam de ver. Entenda essa conversa com seus alunos como uma oportunidade valiosa para conhecer quem são eles, o que eles pensam e sentem sobre os acontecimentos, seus projetos etc.

Uma outra idéia é tentar identificar, junto com os seus alunos, formatos, periodicidade, público-alvo, audiência, função do programa, publicidade, “quem paga” pelo programa; enfim, tudo o que caracteriza uma produção audiovisual e televisiva.

Uma discussão produtiva, na escola, não precisa ser didatizada, nem deve ter como propósito estabelecer julgamentos de valores sobre os bônus e os ônus de se ver TV: o professor deve desenvolver o conhecimento e a valorização de diferentes pontos de vista, encontrando soluções compartilhadas junto com os alunos.

Diferentes funções de programas

Na maioria das vezes, o que é produzido e veiculado para e pela televisão tem três diferentes funções:

- **Informativa** – os programas de TV e a mídia em geral produzem informações e ensinam certas coisas às pessoas.
- **Diversão e entretenimento** – os programas de TV e a mídia em geral podem fazer rir, chorar, sentir medo, susto ou excitação.
- **Persuasão** – o que é veiculado na TV tenta fazer com que o telespectador faça alguma coisa, tenta que ele se comporte de determinado jeito, que compre algo, que sinta alguma coisa ou, ainda, que acredite em algo. É interessante identificar, em cada caso, qual delas é a função preponderante; observar se uma, duas ou as três se fazem presentes.

Alguns formatos

Animação, documentário, entrevistas, variedades, ficção (novelas, filmes), fofoca, humor, notícias, publicidade, *reality show*.

Abrindo o Verbo

Em uma nova fase de produção, a série aborda, de forma ágil, questões relacionadas ao universo dos adolescentes: importância de continuidade dos estudos, escolhas profissionais, mudança de comportamento, entre outros temas. Os programas são protagonizados por alunos de Escolas da Prefeitura do Rio de Janeiro, que freqüentam as séries finais do Ensino Fundamental. Eles fazem entrevistas com especialistas, participam de debates entre adolescentes e visitam diferentes instituições e espaços da cidade.

Juro que Vi

Série de desenhos animados realizados em colaboração com alunos da Escola Municipal George Sumner sobre mitos, personagens e lendas brasileiras. Os argumentos são adaptações de versões de histórias populares que abordam questões dos arquétipos universais, como medo, coragem, amor, ganância, violência, entre outros, a partir da relação com a natureza e sua preservação.

Carta Animada Pela Paz

Série de desenhos animados realizados por crianças, alunos e alunas de Escolas da Rede Municipal de Ensino da Cidade do Rio de Janeiro, localizadas em áreas de baixo Índice de Desenvolvimento Humano. Os roteiros, a animação, o som, realizados pelos alunos, (re)contam as histórias do cotidiano adverso e violento de algumas crianças.



MULTIRIO inova na programação

Debate sobre **qualidade de mídia** é o carro-chefe da temporada 2005



Voltar para o passado e contar como bairros, parques e praças do Rio de Janeiro tornaram-se importantes na memória do carioca e do brasileiro. Esta viagem no tempo é a proposta do novo programa da MULTIRIO, “Memórias do Rio”. O programa, que estréia em abril, terá ao todo cinco episódios com cerca de oito minutos de duração. Dirigido por Alexandre Franco Montoro e apresentado por Silvio Guindane o programa abordará também os costumes e hábitos dos cariocas.

As novidades na programação não se encerram por aí. Como aquecimento para o Pan de 2007, a MULTIRIO preparou o interprograma “Atletas do Rio”. Nele o esporte é apontado como forma de inclusão social. A linguagem é inovadora: os episódios não têm diálogos e as histórias de superação do cotidiano esportivo são contadas com belas imagens e uma trilha sonora caprichada, assinada por Paulo Brandão e Paulo Muiyler.

A terceira novidade fica por conta do programa “Encontros com a Mídia”. Apresentado por Regina de Assis, presidente da MULTIRIO, o programa discute mídia de qualidade com especialistas em diversos temas como propaganda, criança e jovem como protagonista e educação para mídia, entre outros.

O programa, no entanto, não se limita ao depoimento de especialistas. Investindo na edição, o diretor Miguel Przewodowski inclui *flashes* de depoimentos e tomadas do processo de produção do programa: imagens da mesa de edição e sonorização. Com isto o programa se propõe a dialogar com a sociedade sobre mídia. Os dois primeiros episódios falam do poder da propaganda sobre as crianças e adolescentes trazendo para o estúdio a pesquisadora Rita Ribes e a publicitária Nádia Rebuças. ■

Produções antigas também se renovam

Programas antigos da MULTIRIO também ganham nova roupagem. No “Abrindo Verbo”, que é feito sempre em cenários diferentes e com a participação de 12 alunos de escolas diferentes, o que muda é o foco dos assuntos abordados. Se na temporada passada o programa abordou as profissões e o cotidiano profissional, nesta ele aposta em como vivem os profissionais. A apresentação continua com Fernanda Azevedo.

A revista eletrônica semanal “Nós da Escola” também mantém a estrutura original. Ou seja, o programa continua trazendo as novidades da rede municipal, sugestões culturais e matérias que podem ser aproveitadas em sala de aula. A novidade fica por conta do quadro “Qualidade de Vida”, que traz dicas para os professores manterem a saúde em dia, seja cuidando da voz, corrigindo a postura ou relaxando de maneira saudável.

Todos os programas da MULTIRIO são veiculados na Bandeirante e reapresentados na NET. Confira os horários e a programação completa no site www.multirio.rj.gov.br

Estratégias de leitura e sua contribuição para a aprendizagem

Minha formação se deu totalmente no setor público e hoje, como professora deste setor, acredito conhecer um pouco o papel do aluno e do professor e as dificuldades enfrentadas por ambos nesse cenário. Por isso, refletindo sobre os obstáculos que, ainda hoje, se perpetuam no setor público, é que me senti motivada a pesquisar sobre ele, numa tentativa de procurar entender melhor o processo de ensino e aprendizagem de língua inglesa em escolas públicas regulares: como os alunos “enfrentam” a língua inglesa, como superam suas limitações e como (ou se) tentam superá-las.

A idéia de investigar as estratégias usadas pelos alunos pareceu-me interessante, pois reflete o meu próprio processo de aprendizagem. Penso que eu, como aluna que fui de escola pública, represento um tipo de aprendiz de língua inglesa que teve sucesso. Revendo minha atitude em relação à disciplina, lembro-me que algumas estratégias que usava para aprender Inglês contribuíram para meu sucesso; no entanto, muitos dos alunos que estudavam comigo, por não usarem estratégias, ou por as usarem inapropriadamente, não eram bem-sucedidos e iam, gradativamente, perdendo o entusiasmo que, a princípio, todos tinham para aprender Inglês.

Por isso, minha dissertação de mestrado, defendida na Universidade Federal Fluminense, traz, como tema central, as estratégias que os alunos usam durante a leitura de textos em Inglês. Com a investigação pretendia, primeiramente, fazer uma nova “leitura” do espaço pedagógico em que a língua inglesa é estudada, além disso, mostrar que alunos oriundos de classes populares, com

poucos recursos financeiros e pouco acesso a materiais escritos, possuem “talento” para ler textos em Inglês. Através do uso de diferentes estratégias, eles podem ter sucesso na compreensão de textos, mesmo possuindo lacunas em seu conhecimento.

O objetivo do trabalho era identificar e valorizar o que os alunos faziam para superar os obstáculos impostos pelas lacunas que possuem e, assim, promover maior autonomia em sua aprendizagem, mostrando que eles podem usar seus próprios recursos para facilitar a sua aprendizagem e, assim, torná-los mais independentes, ajudando-os a reconhecerem-se, na concepção de Freire, como “arquitetos” de sua própria aquisição de conhecimento.

Além disso, acredito que o foco na leitura de textos em Inglês seja interessante por se tratar de uma atividade primordial para a aprendizagem, não só de Inglês, como também de outras disciplinas.

A investigação foi realizada segundo os princípios da pesquisa-ação, visto que os participantes eram meus próprios alunos e que interferi no contexto de modo claro por meio da aplicação de um mini programa de língua inglesa



centrado na leitura. O miniprograma era constituído de doze encontros. Os três primeiros foram dedicados à conscientização quanto a estratégias que os alunos usavam durante a leitura de alguns textos em língua materna, enquanto os nove encontros seguintes se dedicaram a observar, por meio de protocolos verbais, o processo de leitura de textos em língua estrangeira. O resultado da pesquisa mostrou que, durante a leitura dos textos, os alunos fizeram uso de estratégias cognitivas, que são as que os capacitam a entender a nova língua, tais como, identificação de palavras cognatas, “pular” palavras desconhecidas, resumo do texto, tradução, dedução e uso do conhecimento prévio e estratégias compensatórias, que servem para compensar as lacunas existentes no conhecimento da língua inglesa que os alunos possuem, tais como, análise de gravuras e uso do contexto.

É importante mencionar que, apesar de não entenderem todas as palavras de um texto e reconhecerem isso, os alunos foram capazes de entender a essência dos textos por meio do uso de estratégias e nenhum deles desistiu de ler diante das dificuldades apresentadas pelos textos. Além disso, a cada dia, os alunos sentiam-se mais confiantes em ler os textos, pois estavam tornando-se mais autônomos na leitura, uma vez que foram gradativamente se conscientizando que poderiam e que deveriam contar com seus próprios recursos, isto é, usar suas próprias estratégias para construir o sentido dos textos.

A análise dos resultados obtidos com a pesquisa demonstra o importante papel de estratégias no ensino/aprendizagem da língua inglesa; já que, as estratégias são ações específicas realizadas pelo aluno, freqüentemente conscien-

tes, podem ser ensinadas e contribuem para que os alunos se tornem mais autodiretivos.

A investigação das estratégias usadas pelos alunos se faz relevante, pois a leitura possibilita ao aluno que use em LE (língua estrangeira), estratégias usadas em LM (língua materna) e vice-versa, além de desenvolver a autonomia dos alunos e poder contribuir para seu desenvolvimento em todas as disciplinas escolares. O professor, à luz dessa perspectiva, estaria contribuindo para que o aluno se torne o agente de sua própria aprendizagem, principalmente, no que diz respeito ao desenvolvimento da habilidade de leitura.

O objetivo da pesquisa não era ensinar estratégias aos alunos, mas, sim, investigar aquelas que eles já usavam e em que medida o uso delas auxiliava o desempenho do aprendiz. Apesar disso, acredito que as estratégias de leitura podem ser ensinadas aos alunos, principalmente os iniciantes, pois esses demonstraram que, apesar de usarem algumas estratégias, não estão totalmente cientes dos benefícios que elas podem trazer-lhes. Para isso, os professores devem incluir o ensino de estratégias em suas práticas pedagógicas, a fim de tornar o aprendiz mais “equipado” para ser o “arquiteto” de seu próprio saber.

Concluindo, o uso apropriado de estratégias pode levar o aluno ao sucesso durante a leitura de textos em uma língua estrangeira, estimulando-os a “trabalhar com autonomia, de forma a poderem identificar suas possibilidades e dificuldades no processo de aprendizagem.” (PCNs)

Palmyra Baroni Nunes - Professora das escolas municipais Rubens Berardo e República do Líbano.

Se você quiser colaborar com esta seção envie-nos seu artigo por e-mail (multirio_dpub@rio.rj.gov.br) ou em disquete (Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22260-210). O texto deve ser digitado em fonte Arial 12 e ter, no máximo, 6 mil caracteres. Todos os artigos serão submetidos à avaliação prévia e publicados de acordo com a programação da revista. A MULTIRIO não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e se reserva o direito de, sem alterar o conteúdo, resumir e adaptar os textos.

anote na agenda

CINEMA DE GRAÇA

A rede Cinemark continua com o Projeto Escola. Nele a rede recebe em sessões exclusivas e gratuitas, alunos de escolas públicas e particulares e oferece aos professores participantes sinopses, fotos e sugestões de como trabalhar os filmes em sala de aula. No primeiro semestre deste ano serão exibidos os seguintes filmes: "Os Incríveis", "O espanta tubarões", "Tainá 2 – a aventura continua" e "Olga".

Informações
www.cinemark.com.br

IMIGRANTES EM SANTA CRUZ

"Os imigrantes que colaboraram para formação do bairro de Santa Cruz". Este é o tema da mais recente exposição do Centro Cultural de Santa Cruz – Dr. Antônio Nicolau Jorge Santa Cruz. A exposição fica em cartaz até o dia 27 de maio. O espaço abriga o Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro e também uma biblioteca. A entrada é gratuita e visitas de escolas podem ser agendadas pelo telefone 2418-3140.

Centro Cultural de Santa Cruz
Rua das Palmeiras Imperiais s/nº -
Santa Cruz - Rio de Janeiro

LEITURA

A Associação Brasileira de Leitura está abrindo as inscrições para o 15º Congresso de Leitura do Brasil – COLE, que acontecerá entre os dias 5 e 8 de julho de 2005. O evento ocorre na Unicamp e terá neste ano o tema "Pensem nas crianças mudas telepáticas". As inscrições podem ser feitas pelo site www.alb.com.br. Dúvidas podem ser encaminhadas para os organizadores do evento pelo e-mail: cole.alb@uol.com.br. O valor da inscrição varia de acordo com a forma de participação e a data em que for efetivada.

Informações: www.alb.com.br

EXPOSIÇÃO

No ano em que se comemora o bicentenário de Hans Christian Andersen, a Academia Brasileira de Letras homenageia o escritor dinamarquês, considerado pai da literatura infantil, com grande exposição sobre sua obra.

Academia Brasileira de Letras
Avenida Presidente Wilson, 203 -
Castelo
Telefone: 3974-2500
www.academia.org.br

CONCURSO: RUMOS DA EDUCAÇÃO, CULTURA E ARTE

Em sua primeira edição, o concurso pretende incentivar educadores que estejam desenvolvendo metodologias e estratégias em educação não-formal, para crianças e jovens de baixa renda e/ou em situação de risco, em todo o país. O foco está na valorização de novos modelos de ensino-aprendizagem transformadores que tenham como base linguagens artísticas e culturais. Inscrição gratuita, restrita a educadores, com formações diversas, que atuem especificamente na educação não-formal e que estejam vinculados a uma instituição e/ou organização que desenvolve projetos fundamentados em propostas educacionais, culturais e artísticas.

Os prêmios para o educador e para a instituição vencedores serão de R\$ 5 mil e R\$ 10 mil, respectivamente. Inscrições abertas até 22 de junho.

Informações:
www.itaucultural.org.br

PRODUÇÃO DE TEXTO

O Centro de Referência da Educação Pública (CREP) vai realizar nos dias 2, 3, 9 e 10 de maio o curso Oficina Professor-autor 2005. A idéia é oferecer a possibilidade dos professores se atualizarem e aprimorarem seus conhecimentos em produção de textos monográficos, tendo como base as diretrizes da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). As aulas serão oferecidas nos turnos da manhã (dias 2 e 9), das 8h às 12h, e da tarde (dias 3 e 10), das 13h às 17h. Inscrições pelo telefone 2253-0371 ou pelo e-mail projetocep@pcrj.rj.gov.br

Centro de Referência da Educação Pública - Avenida Presidente Vargas, 1.314 - Centro
E-mail: infocrep@pcrj.rj.gov.br
Site: www.rio.rj.gov.br/sme/crep

ARTE

O Instituto Moreira Sales vai oferecer nos dias 4, 11, 18 e 25 de maio o curso História da arte (do neoclassicismo à contemporaneidade). Serão oito aulas, ministradas pelo professor de História da Arte da PUC-Rio, Rafael Cardoso. As inscrições estão abertas e o valor é de R\$ 170.

Instituto Moreira Sales
Marquês de São Vicente, 476 - Gávea
www.ims.com.br

O livro

Kristine O' Connell George

Editora Paulinas, 2004

Um menino, um elefante de pelúcia e um gato ganham um novo companheiro com a chegada de um livro. Fascinado com o presente, o menino se pergunta de que modo poderia usá-lo e descobre que, apesar de muitas utilidades, o maior prazer que se tem com um livro está dentro dele, em suas histórias e imagens.



Palavra de Honra

Ana Maria Machado

Editora Nova Fronteira,
2005

Oitavo romance para adultos de Ana Maria Machado, "Palavra

de honra" narra a história de cinco gerações de uma família luso-brasileira, baseada nos princípios éticos de José Almada, português que veio ainda moço para o Brasil. Almada instala-se em Petrópolis e constrói um grande patrimônio. As gerações se sucedem até chegar a Letícia, que costura relatos esparsos para reconstruir a história dos Almada.

Como um romance

Daniel Pennac

Editora Rocco, 1993

O autor questiona, por meio da recriação ficcional do



ambiente de uma sala de aula, a razão de os jovens não gostarem de ler. Baseado em suas próprias experiências como professor, ele ensina - e aí reside todo o charme do livro - como recuperar nos alunos o gosto pela leitura, um ato esquecido neste fim de século dominado pela comunicação em massa.



Era uma vez um livro

Marcelo Cipis

Companhia das
Letrinhas, 2002

Um narrador inicia dez histórias e pára de repente, no ponto exato para deixar a curiosidade bem atizada, deixando para o leitor o compromisso irresistível de imaginar o desfecho. Como um jogo de armar, as ilustrações fornecem separadamente os elementos das histórias que compõem o livro - e também de muitas outras que o leitor queira contar.

Vídeos

Programa Nós da Escola



Programa 129 – Encontro com a Leitura

Programa 143 – Leitura e Escrita

Programa 150 – Leitura e Escrita I

Programa 151 – Leitura e Escrita II

Programa Rio, a Cidade!



Programa 227 – Carioca redescobre as livrarias e o prazer da leitura

Programa 230 – Políticas públicas de incentivo à leitura



Leia Conheça Participe Experimente

Acesse o site do Rio Mídia e fique por dentro das últimas notícias, pesquisas e experiências sobre mídia, infância e juventude no Brasil e no mundo.

Faça parte desta rede.

RIO MÍDIA

**Centro Internacional de
Referência em Mídias para
Crianças e Adolescentes**

www.multirio.rj.gov.br/riomidia





NÓS DA ESCOLA

No próximo número:
Consumo e vida cidadã